

Estudos de Comunicação sobre Movimentos Sociais na América Latina¹

Gisele Salgado LESKE²

Ana Inés GARAZA³

Iluska Maria da Silva COUTINHO⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

Resumo

Esse artigo tem como foco os estudos em Comunicação que abordam os movimentos sociais, em especial aqueles que realizam a interface entre as ações comunicacionais e grupos e organizações sociais na América Latina. Por meio de pesquisa documental de caráter empírico a proposta é realizar um panorama acerca das pesquisas contemporâneas sobre o tema. Para tanto tomou-se como universo de investigação os artigos publicados nos anais dos Congressos Nacionais da Intercom realizados entre 2009 e 2014 que abordam o tema em questão. O levantamento foi associado à pesquisa de caráter bibliográfico, de modo a problematizar a produção acadêmica sobre a relação entre movimentos sociais e comunicação, tendo como suporte teórico autores como Castells (2013), Figueiredo (2013) e Aquino (2013).

Palavras-chave: Comunicação; Movimentos Sociais; Narrativas; Estratégias de Comunicação; América Latina.

INTRODUÇÃO

Em 2013 diversas manifestações eclodiram no Brasil, inicialmente devido ao aumento do custo da passagem de ônibus; posteriormente os protestos admitiram/ incluíram muitas outras reivindicações, tendo seu auge em junho do último ano, não apenas nas grandes capitais. O perfil dos manifestantes, de acordo com pesquisas divulgadas pela Folha de São Paulo e pela Revista Época, era diverso, homens, estudantes e assalariados, com ensino superior completo e menos de 24 anos de idade, sem partido político e que em sua maioria estavam pela primeira vez indo às ruas para reivindicar seus direitos.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Comunicação e Sociedade da UFJF, email: giseleleske@gmail.com

³ Mestranda do Curso de Comunicação e Sociedade da UFJF, email: aines.g29@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Jornalismo e PPGCOM/UFJF. Mestre em Comunicação e Cultura (UnB) e doutora em Comunicação Social (Umesp). Bolsista produtividade CNPq. email: iluskac@globo.com

⁵ O símbolo #, conhecido como *hashtag*, é utilizado para agrupar conteúdos na rede informatizada, facilitando

² Mestranda do Curso de Comunicação e Sociedade da UFJF, email: giseleleske@gmail.com

³ Mestranda do Curso de Comunicação e Sociedade da UFJF, email: aines.g29@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Jornalismo e PPGCOM/UFJF. Mestre em Comunicação e Cultura (UnB) e doutora em Comunicação Social (Umesp). Bolsista produtividade CNPq. email: iluskac@globo.com

Desde então movimentos em que a coletividade, ou parte dela, se apropria dos espaços públicos, retornando às ruas, colocam em questão o papel da mídia como espaço de debate e construção social. Diante deste cenário, evidencia-se a importância de pesquisar acerca da influência da comunicação no que tange à organização dos Movimentos Sociais bem como à imagem dos mesmos perante a sociedade de forma geral. Nesse sentido, a proposta desse artigo é traçar um panorama do estado da arte da pesquisa sobre Comunicação e Movimentos Sociais, incluindo reflexões acerca das novas formas de comunicação em rede e seu papel social diante dos movimentos.

A busca por delimitação do estado da arte toma como universo o conjunto das pesquisas publicadas nos anais dos Congressos Nacionais da Intercom entre 2009 e 2014 acerca do tema em questão. Foi realizado um levantamento prévio a partir da palavra/ expressão-chave “Movimentos Sociais” em todas as publicações realizadas no âmbito dos grupos de pesquisa, e em seguida foram analisados os conteúdos das produções de modo a averiguar o estado da arte no intuito de iniciar novas pesquisas a partir do que já foi constatado por colegas estudiosos da Comunicação no Brasil.

Quanto à abordagem metodológica ela associa a pesquisa documental e aquela de caráter bibliográfico, na qual se tem o desafio de mapear e discutir a produção acadêmica de pesquisas publicadas, além da fundamentação teórica de autores como Castells (2013), Figueiredo (2013) e Aquino (2013), entre outros. O texto está estruturado em três momentos: inicia-se com breve histórico, seguido pelos Estudos de comunicação sobre movimentos sociais, e é concluído pelas reflexões existentes no campo científico sobre a relação entre a Mídia e movimentos sociais.

CONTEXTO POLÍTICO SOCIAL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

No Brasil, nos últimos anos, houve intensa divulgação e chamamento para conferências regionais e nacionais em que, teoricamente, haveria participação igualitária entre Estado, iniciativa privada e sociedade civil. A saber, a 1ª Conferência Nacional de Comunicação (Confecom) foi realizada de 14 a 17 de dezembro de 2009, em Brasília/DF, por meio de convocação do Governo Federal e coordenação do Ministério das Comunicações (MinC). De acordo com o MinC, “o objetivo geral da Conferência foi a elaboração de propostas orientadoras para a formulação da Política Nacional de Comunicação, através do debate amplo, democrático e plural com a sociedade brasileira, garantindo a participação social em todas as suas etapas”.

O poder político deixa de se perceber abstrato e distante, para se configurar pela participação da sociedade civil nos assuntos públicos. A contemporaneidade está fortemente marcada por uma maior presença e pressão dos setores organizados da sociedade na direção dos governos e, conseqüentemente, para manter sua própria existência, o Estado precisa estabelecer consensos num nível de participação popular, ao passo que, tal qual a mídia hegemônica, vê seu poder de manipulação social se dissipar diante das alternativas cunhadas pelos avanços tecnológicos e pelas novas interações sociais entre os indivíduos e grupos organizados.

Em meio a protestos e mobilizações organizados pelas redes sociais por meio da #VemPraRua⁵, surge uma bandeira emblemática que diz: “o gigante acordou”, a qual foi replicada em diversas passeatas e estampada em capas de revistas e manchetes internacionais retratando o fim do comodismo social no Brasil. Em seguida veio a resposta: “não acordamos porque não estávamos dormindo”. Essa resposta também exprime a indignação, mas, desta vez, por parte dos que fazem da luta por direitos e melhorias sociais uma presença diária, ou seja, os participantes de Movimentos Sociais.

Compreender os Movimentos Sociais Contemporâneos na América Latina pressupõe entender o contexto sociopolítico em que surgiram e como tem suas características cunhadas pela modernidade. A partir da segunda metade do século XX o Estado se torna mais reconhecível, visto que, os países latino americanos caminham na direção de políticas democráticas e propostas comprometidas com questões sociais, sobretudo, com a abertura à participação pública nas decisões do Estado e isso ocorre devido a diversos fatores culturais, inclusive à pressão popular e midiática.

Manuel Castells (2013), considerado o principal pensador das sociedades em rede, ao analisar os movimentos sociais em rede, reconhece o poder transformador e inovador que os atores sociais alcançaram com os avanços tecnológicos e salienta que “é por isso que os governos têm medo da internet, e é por isso que as grandes empresas têm com ela uma relação de amor e ódio, e tentam obter lucros com ela, ao mesmo tempo em que limitam seu potencial de liberdade”.

⁵ O símbolo #, conhecido como *hashtag*, é utilizado para agrupar conteúdos na rede informatizada, facilitando pesquisas de acordo com os tópicos mencionados junto a ele. As manifestações ao redor do mundo utilizaram *hashtags* para identificar as postagens relacionadas a cada movimento. Na Espanha, por exemplo, todo o conteúdo postado nas redes sociais que pretende ser vinculado ao Movimento Social dos Indignados contém a identificação “#15M” ou “#Indignados”. Já no Brasil, utilizou-se “#VemPraRua” para identificar as postagens relativas às manifestações ocorridas em Junho de 2013, conhecidas como “Jornadas de Junho”.

Manuel Castells ressalta que uma das condições para que experiências particulares se somem e deem origem a um movimento é “a existência de um processo de comunicação que propague os eventos e as emoções a eles associadas” (CASTELLS, 2013, p. 19). É importante salientar que foi a partir dos anos 60 que os Movimentos Sociais passaram a ser foco de diversos estudos acadêmicos, tanto na área da História, quanto em Ciências Sociais e também na Comunicação, áreas em que merecem destaque os estudos de Pierre Bourdieu, Armand Mattelart, Néstor García Canclini e Martín Barbero.

ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO SOBRE MOVIMENTOS SOCIAIS

Movimentos Sociais (MS) são formas de ação coletiva historicamente reconhecidas, que expressam conflitos de classe; são aqueles que representam grupos definidos pela sociedade capitalista e admitem como protagonistas os trabalhadores assalariados, oprimidos pelo poder do capital traduzido em exploração da mão de obra e baixo retorno financeiro, além de indiferença com relação a direitos trabalhistas.

Já os Novos Movimentos Sociais (NMS) aparecem nas últimas décadas, como resultado das transformações socioculturais da modernidade, visto que as opressões não se limitam mais a questões capitalistas num sentido tradicional, mas se fazem presentes diante das diferentes identificações sociais que emergem no século XXI. Trata-se de minorias que sempre existiram isoladamente, mas que passaram a se entender como grupo e reconhecer seus laços de identidade mais recentemente.

A busca realizada a partir das palavras-chave “Movimentos Sociais” nos anais dos Congressos Nacionais da Intercom, apresenta como resultado para o ano 2013 um total de 20 trabalhos. Os temas mais relevantes abarcam as políticas públicas de comunicação, a conceituação da comunicação comunitária, as representações através de meios massivos de comunicação e o poder simbólico da comunicação na identificação cultural. A seguir, apresenta-se uma tabela com as publicações desse ano, classificadas em: (*) referente a pesquisas direcionadas às manifestações ocorridas no país em Junho de 2013 e suas relações comunicacionais; (AL) representa o caráter de pesquisa no âmbito da América Latina; (B) simboliza que o estudo abrange temas de comunicação no Brasil de forma ampla e (R) designa as pesquisas que apresentam um aspecto regional.

	Publicação	Autoria
*	Sobre espalhamento e convergência no âmbito dos movimentos sociais: relações entre mídias de massa e mídias sociais	Maria Clara Jobst de Aquino Bittencourt (UniSinos)

*	A copa das manifestações: redes sociais, emoções e movimento popular	Karla Azeredo Ribeiro Marinho (UERJ)
*	Comunicação e mídias sociais: em busca dos diálogos possíveis	Cleusa M. Andrade Scroferneker; Rosângela Florczak de Oliveira; Celsi Bronstrup Silvestrin (PUCPR)
*	Manifestações e protestos no brasil: a força das redes sociais online	Jane Aparecida Marques; Camila Maciel Cardoso (USP)
*	#Manifestação: a multidão quer mais democracia	Gerson Dudus (FSMA)
*	#Vemprarua: a linguagem na medida certa para mobilização social	Josevana de Lucena Rodrigues; Maria Sandra Campos (UFMA)
*	A Mídia NINJA e o espaço da catarse coletiva: política e afeto no tempo das redes	Renata de Rezende Ribeiro (UFF)
*	Folha de S. Paulo e a cobertura dos protestos do MPL	Anelisa Maradei (Metodista)
*	O ciberativismo via mídia torpedista a pautar o noticiário do século XXI	Magaly Parreira do Prado (Casper Libero)
AL	Conceitos e categorias de análise mobilizadas para estudar a participação da televisão brasileira na articulação de relações sociais e culturais entre povos latino-americanos em contato intercultural	Roberta Brandalise (USP)
B	Jornalismo e movimentos sociais: lutas diversas, coberturas diferentes	Carlos Peres de Figueiredo Sobrinho (UFPE)
B	O ambientalismo no MST: visibilidade, redes de movimentos e cidadania comunicativa	Isabelle Azevedo Ferreira; Márcia Vidal Nunes (UFCE)
B	Políticas de comunicação comunitária: elementos para um modelo de análise	Adilson Vaz Cabral Filho (UFF)
B	Economia política da Internet: sites de redes sociais e luta de classes	Cesar Ricardo Siqueira Bolaño (UFES)
B	A construção da alteridade na TV: estratégias e procedimentos de enunciação do outro no telejornalismo e na ficção	José Augusto Mendes Lobato (USP)
B	Redes virtuais como espaço mobilizador dos grupos culturalmente marginalizados	Cristina Schmidt Pereira da Silva (UMC)
R	Comunicação, movimentos sociais e jornalismo na Amazônia: novas estratégias de luta	Lucas Milhomens Fonseca (UFAM)
R	Papel dos eventos em movimentos sociais: um estudo de caso sobre a parada da diversidade de Bauru	Elaine Cristina Gomes de Moraes (UNESP)
R	Apontamentos do caderno de campo sobre movimentos sociais, produção e difusão de conteúdos digitais	Alvaro Fraga Moreira Benevenuto Jr. (UCS)
R	A análise das redes sociais e o protagonismo comunitário: o caso Jardim Vitória, Maceió (AL)	Andréa Moreira G. de Albuquerque (UFAL)

Fonte: As Pesquisadoras, 2014. (Adaptado de: Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação)

No o ano de 2012 publicou-se 13 trabalhos que, entre outras finalidades, destacam a comunicação como espaço de disputa pelo poder. Além disso, recorrem a exemplos de experiências de organizações específicas, ligando o tema da comunicação a reivindicações concretas, como à luta pela propriedade da terra relacionada ao MST. Neste ano também

ressalta-se em artigos a importância de ler a comunicação num contexto latino-americano, a partir de experiências relacionadas aos conteúdos em televisão, no caso de *Telesur* e *Telvisión America Latina*.

Em 2011 foram publicados 10 artigos que retratam: a temática das políticas públicas de comunicação, o papel do Estado e a participação da sociedade civil em assuntos públicos, marcando sua incidência na definição de uma comunicação democrática. As publicações disponíveis nos Anais Eletrônicos da Intercom para o ano de 2010 abordam apenas pesquisas a nível de graduação e conseqüentemente não foram consideradas neste levantamento. Já no ano de 2009, publicou-se 9 artigos dos quais destaca-se neste estudo a temática da construção de identidade social na América Latina em relação a sua alteridade, por meio da distinção entre questionamentos locais e globais.

Em sua pesquisa *Jornalismo e Movimentos Sociais: Lutas Diversas, Coberturas Diferentes*, realizada em 2013, o pesquisador da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Carlos Figueiredo, ressalta que:

Novos Movimentos Sociais (NMSs) [são] chamados assim para diferenciar estes daquelas formas de ação coletiva que expressavam conflitos de classe, geralmente de caráter sindical, pondo de um lado o capital e do outro o trabalho. Os NMSs atuam na luta contra dominações não abarcadas pelos conflitos de classe tradicionais (FIGUEIREDO, 2013, p.2).

Encaixam-se na classificação de NMS os grupos representativos de negros, gays, feministas, ambientalistas, estudantes, pacifistas, imigrantes, indígenas, ativistas antiglobalização, atingidos por barragens, entre outros. Sua organização ocorre geralmente por meio de redes virtuais e reais, constituindo reivindicações em prol do interesse comum, organizando ações conjuntas (que podem espalhar-se pelo país simultaneamente) e buscando reconhecimento por parte das autoridades e visibilidade diante da sociedade.

Há ainda movimentos que, segundo Figueiredo (2013), se distanciam dos movimentos sindicais, mas mostram “o caráter de resistência ao poder do capital e o desejo de mudanças nas estruturas sociais de produção e propriedade”, e que assim, não se enquadram como tradicionais nem como novos, como por exemplo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

O pesquisador fluminense, Adilson Vaz Cabral (2013), discorre sobre a importância da comunicação comunitária e sua relação com as políticas públicas que visam seu fortalecimento, ao passo que as iniciativas midiáticas periféricas ao Estado e à mídia tradicional/hegemônica têm a característica de propor uma alternativa de participação popular para o desenvolvimento de mudanças sociais. O autor reconhece que há um interesse por parte do Estado em desenvolver experiências no âmbito comunitário, visto que

a partir dos NMS, que admitem lutas em várias frentes, é preciso promover políticas que promovam sua sustentabilidade. A área da comunicação, ao promover uma imagem positiva dos movimentos perante a comunidade, traz imensa contribuição ao empoderamento popular e contribui como ferramenta para o fortalecimento das organizações sociais.

José Augusto Mendes Lobato (2013, p. 3), utiliza as concepções de Muniz Sodré para reforçar a ideia da linguagem em seu caráter instrumental, ao dizer que “mais que uma 'base comunicativa', eles [os meios de comunicação] se configuram como formas primordiais de transmissão do 'ethos comunitário', ou seja, de tradições e modos de ser”. Da mesma maneira, o autor cita as ideias da Vera França para explicar a função integradora das narrativas ao passo em que tornam o mundo acessível e conhecido por todos. Sob esta ótica, o ato de narrar o mundo implica em mais do que torná-lo disponível porque também perpassa a construção de identidades por meio das diversas formas de representar a realidade.

Ao definir um determinado modo de representar, as narrativas midiáticas criam comunidades simbólicas que dão sentido à realidade comum ou, por vezes, constroem realidades midiáticas que passam a ser consideradas como verdade pela comunidade, originando o sentido de identidade. Segundo Roberta Brandalise,

[...] as tradições criadas, os símbolos estabelecidos, os mitos fundadores concebidos, a própria história nacional, bem como, em boa medida, as diversas produções simbólicas, inclusive as literárias e as midiáticas, participam da configuração e manutenção desse sistema de representação cultural que gera a identificação nacional (BRANDALISE, 2013, p.6).

Ao analisar a realidade da mídia de massa no Brasil, percebe-se que há grandes conglomerados de iniciativa privada que monopolizam a circulação de informação no país. Se a mídia constrói realidade, esses espaços midiáticos podem ser considerados como espaços de disputa de poder, visto que influenciam a população de forma direta e/ou indireta diariamente. Neste sentido, Efendy Maldonado (2012) cita Armand Mattelart, observando que

No mundo sociopolítico contemporâneo, marcado pela hegemonia do modelo liberal representativo, a comunicação alcançou níveis de sofisticação tecnológica, penetração social, organização sistêmica e poder simbólico singular (MATTELART, 2008 apud MALDONADO, 2012, p. 5).

Para combater a influência da mídia hegemônica e a concentração da produção midiática, as organizações sociais buscam estratégias que promovam a interatividade e produção coletiva de conteúdos por meios alternativos e encontram na Internet sua maior aliada. Castells (2013, p. 170) ressalta que “há de fato um círculo virtuoso entre as

tecnologias da liberdade e a luta para libertar a mente das estruturas de dominação”. O autor salienta que “a utilização da Internet qualifica as pessoas, ao reforçar seus sentimentos de segurança, liberdade pessoal e influência”. Assim, a Internet se fortalece enquanto rede de comunicação e fonte de empoderamento social devido a liberdade de circulação de conteúdo e interação que propicia a seus usuários.

Através de inserções midiáticas com enfoques positivos acerca dos movimentos sociais, indo de encontro à lógica de criminalização dos mesmo assumida pela mídia comercial, as organizações tentam construir uma nova memória coletiva, visto que “o sentido de auto-imagem está associado à busca que os movimentos sociais populares têm em difundir uma imagem positiva de suas lutas e dos sujeitos que habitam nas comunidades que atuam” (OLIVEIRA e FERREIRA, 2007 apud NUNES, MENEZES e CARVALHO, 2009, p.7).

Os artigos consultados recorrem ao conceito de “aculturação” (Brandalise, 2013) para referir-se aos condicionamentos e às orientações exercidos pela mídia tradicional acerca de costumes, valores, posicionamentos, ideologias, gostos, imaginários e sensibilidades dos cidadãos. Maldonado (2012, p. 7) afirma, baseando-se em Hobsbawm (2011), que as mídias distribuem “conjuntos culturais que produzem conhecimento e suscitam reflexões, provocam fruições estéticas instigantes, subvertem os esquemas de interpretação do mundo”, aproximando-se da teoria de Agenda Setting ao esclarecer que a mídia indica os assuntos que serão pauta dos meios sociais. O autor continua, salientando que

Nenhum enredo produzido pelas indústrias midiáticas comete o erro estratégico, do ponto de vista empresarial, de apresentar outros mundos sociais sendo construídos; outras culturas sendo produzidas. O prazer e a submissão são configurados na repetição do que existe, na reiteração sistemática de modelos de comportamento, pensamento e relações. A experimentação é proibida quando atenta contra a ordem estabelecida. As personagens são construídas nos limites dos enquadramentos admitidos, nunca um núcleo ou conjunto de personagens pode fomentar a transformação social e cultural na perspectiva de sociedades de bem viver. O modelo capitalista (egocêntrico, individualista, explorador e devastador) é representado como a única saída possível para as sociedades de todas as culturas, em todos os tempos, se naturaliza o social, o político e o ideológico como se fosse produto do “destino” (MALDONADO, 2012, p. 11).

Diante deste cenário, diversos autores (a citar: Aquino, Scroferneker, Florczak, Silvestrin, Dudus) reportam a necessidade de uma comunicação transformadora que apresente os fatos de modo a desconstruir a ideia que há uma única maneira de imprimir ordem no mundo. Hoje, em meio a novas formas produtivas, com novos relacionamentos mercantis que conectam o mundo de forma acelerada, a sociedade globalizada admite

padrões identitários de múltiplas influências, desconsiderando, por vezes, as questões regionais em prol das ideias universais.

E o momento de crise se dá quando esse sujeito em aprendizagem começa a romper com uma forma identitária comunitária e através da sua experiência, da sua reflexividade começa a perceber-se individualizado dentro de uma forma societária. Esta forma societária significa uma “revolução das formas do laço social, das relações pessoais, das significações simbólicas (DUBAR, 2006, p.189 apud LIRA e ALMEIDA, 2011, p.5).

Em contraposição à tendência de cultura globalizante, a maioria dos MS da América Latina produz suas narrativas a partir de influências e valores regionais, com linguagens e estéticas que imprimem sua identidade particular. Músicas, produções audiovisuais, fotografias, performances artísticas e atividades culturais das mais diversas reavivam uma memória coletiva que compõe história da sociedade com informações excluídas pelos meios hegemônicos. Roberta Brandalise (2013, p. 6) salienta, de acordo com Orlandi (1993), que “o ser humano precisa atribuir sentido às coisas para poder identificar-se com elas e o ato de (...) dar sentido é construir limites, é desenvolver domínios, é descobrir sítios de significância, é tornar possíveis gestos de interpretação”. Ao esbarrar em questões historicamente silenciadas, seja devido a ignorância relativa a certos acontecimentos ou ao prisma de atores sociais específicos, torna-se evidente que há memórias a serem resgatadas.

MÍDIA E MOVIMENTOS SOCIAIS

Os Movimentos Sociais de forma geral passam por transformações de acordo com as constantes mudanças no cenário político-social em que se encaixam e respectivamente produzem mudanças neste ambiente. Trata-se de um processo de construção de identidade e afirmação de valores que perpassa as produções midiáticas, visto que

Os movimentos sociais possuem um importante papel na construção do processo deliberativo dentro das sociedades modernas por trazerem novas questões para o debate público, contestando padrões culturais excludentes (...). Dessa forma para entender como os movimentos sociais adentram na esfera pública, oferecendo argumentos para discussão durante processo deliberativo, é necessário compreender como as notícias são selecionadas e produzidas (FIGUEIREDO, 2013, p. 5).

Além de realizar manifestações públicas em prol de objetivos comuns, há para os movimentos a necessidade de se constituírem enquanto organização legal e solidamente estruturada e para tal propósito ocorrem as articulações em âmbito regional, nacional e até mesmo global. É comum aos MS e NMS a luta por visibilidade de seus projetos e ideais, em conjunto à luta pela descriminalização dos movimentos e pela democratização da comunicação, conforme salienta

A produção de conteúdo por parte desses movimentos, vários e muitas vezes desconectados entre si, vem modificando não apenas a maneira como mobilizações e ações coletivas passam a ser organizadas, mas as práticas comunicacionais sobre como os movimentos se reportam para a sociedade e sobre como a mídia de massa lida com essa produção de conteúdo alheia ao seu controle direto e, ao mesmo tempo, paralela ao que é veiculado na televisão, no rádio e nos jornais (AQUINO, 2013, p.2).

Em sua cartilha distribuída no Encontro Nacional realizado em Belém do Pará, no ano de 2011, a Executiva Nacional de Estudantes de Comunicação Social (ENECOS) salienta que os MS em geral reconhecem a importância de investir em comunicação para alcançar seus objetivos e transmitir informações de utilidade pública, exemplificando que

Nas lutas empreendidas pelos movimentos sociais, um dos vetores mais poderosos é justamente a Comunicação. No mundo inteiro, as grandes corporações estão concentradas nas mãos de grupos privados de grande poder, cada vez mais distantes dos objetivos e lutas da sociedade, e que visam ao lucro acima da informação (ENECOS, 2011, p. 3).

Em busca de espaço nas produções midiáticas tradicionais, alguns Movimentos tendem a se enquadrar aos moldes da mídia enquanto outros, em contraponto, buscam meios alternativos para disseminar seus ideais ou então produzir coletivamente táticas próprias de comunicação, no intuito de driblar as tradicionais formas de retratar os movimentos, visto que

A estratégia das corporações midiáticas é pintar uma imagem violenta e criminosa dos movimentos sociais. Em suas reportagens, matérias televisivas e impressas e notas virtuais, incompletas e unilaterais, escondem preconceito e ira mal disfarçados; acusam esses movimentos e seus integrantes de serem baderneiros e foras da lei, com a intenção de assustar a sociedade e jogá-la contra os movimentos. Em suma, tratam a questão social como questão de polícia. A cobertura padrão da mídia traveste de uma imagem superficial de denúncia para mais uma vez fortalecer a estrutura e o ideário dominante (ENECOS, 2011, p. 3).

Figueiredo (2013), a partir da releitura de Entman (1993 e 2010), discorre sobre o conceito de enquadramento e os modos como as organizações midiáticas o utilizam, salientando que “para um agente político receber uma cobertura de seus atos enquadrados positivamente, deve adequá-los aos valores jornalísticos”. O autor visita a obra de Gans (1980) para articular acerca dos valores efêmeros e perenes do jornalismo e salienta que o valor da “moderação” faz com que grupos que ameacem a ordem moral sejam retratados negativamente pela mídia. Sobre o prisma, o pesquisador pernambucano se aproxima da idéia de Pan e Kosick (2001) de enquadramento como escopo estratégico, visto que a mídia é mediadora da relação entre agentes sociais e o público.

Em contraposição, ao valorizar as novas estratégias de comunicação em rede, Castells afirma que “a autocomunicação de massa fornece a plataforma tecnológica para a construção da autonomia do ator social, seja ele individual ou coletivo, em relação às

instituições da sociedade”. Nesta linha de raciocínio, Aquino (2013) afirma que para alcançar o reconhecimento público e fortalecer seu discurso e sua imagem, os Movimentos se apoderam de ferramentas multimídia disponíveis na rede, pois

(...) com a ampliação dos canais de comunicação, a partir da Internet, a circulação do conteúdo produzido pelo próprio movimento concorre pela atenção das audiências da mídia de massa. Ao mesmo tempo, esta mídia também ocupa espaços na rede, obtendo não só a visão sobre a circulação de conteúdos produzidos e compartilhados pelos movimentos, manifestantes e cidadãos, como também fazendo parte desse circuito ao produzir conteúdo para as mídias sociais (AQUINO, 2013, p.4).

Castells lança em 2013 *Redes de Indignação e Esperança – Movimentos Sociais na Era da Internet*. A obra examina os movimentos que eclodiram ao redor do globo como a Primavera Árabe, as revoluções na Tunísia, no Egito e em outros países do Oriente Médio e da África, além das revoltas na Islândia, dos Indignados na Espanha e o Occupy nos Estados Unidos. A edição brasileira apresenta ainda um posfácio sobre as Jornadas de Junho – manifestações espalhadas por todo o Brasil que iniciaram devido ao aumento no custo das passagens de ônibus e abarcaram diversas questões ao longo dos protestos. O estudioso espanhol reconhece que “a mudança do ambiente comunicacional afeta diretamente as normas de construção de significado e, portanto, a produção de relações de poder” (CASTELLS, 2013, p. II), de modo a salientar a importância da comunicação para o desenvolvimento social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas pesquisas de Comunicação publicadas acerca de MS/NMS nos Anais do Intercom Nacional, os principais conceitos citados estão atrelados ao prisma pelo qual se visualiza um determinado assunto (*Framing*), à construção da notícia de forma geral (*Newsmaking*) e à inserção de um tema na agenda social (*Agenda Setting*). Assim, evidencia-se que a mídia influencia o posicionamento da sociedade diante dos assuntos por ela expostos.

No caso dos MS/NMS, a visão hegemônica dos meios midiáticos tradicionais apresenta-se de forma negativa e conseqüentemente prejudica a imagem dos movimentos e enfraquece o resultado das ações sociais dos grupos estabelecidos. Assim, percebe-se que a visão que se quer passar acerca dos MS é uma variante de grande importância e que merece atenção por parte dos acadêmicos, pois o mesmo assunto pode ser abordado de diferentes formas de acordo com a construção da notícia e as políticas editoriais de cada instituição comunicacional que constroem a realidade midiática a ser apresentada pelos meios de comunicação de massa.

Os trabalhos recolhidos na presente pesquisa conceituam os movimentos sociais e expressam o papel da comunicação como ferramenta de reivindicação e luta para a emancipação social. Recorre-se ao conceito de comunicação contra hegemônica para entender os movimentos sociais enquanto sujeitos políticos e comunicantes, capazes de produzir e disseminar uma auto imagem positiva perante a sociedade. Expressa-se, além disso, a importância da participação popular em prol da concretização de uma comunicação mais democrática.

Devido às novas formas de comunicação, majoritariamente em rede e via Internet, que possibilitam aos atores sociais a divulgação de suas ações de acordo com sua vontade e não mais condicionadas a empresas privadas, a imagem dos movimentos pode ser trabalhada de forma independente, apresentando aspectos positivos em busca de um maior entendimento das questões por parte da sociedade em geral. Salienta-se ainda a pressão popular exercida por meio das redes que faz com que a mídia tradicional assuma uma visão menos pejorativa ao tratar as questões de mobilizações, manifestações e ações coletivas de forma geral.

Percebe-se que a transformação social está intrinsecamente ligada aos processos comunicacionais de cada era, possibilitando e instigando atualmente uma maior participação popular nas decisões do Estado, tamanha a influência da mídia no comportamento humano e na opinião pública relacionada, neste caso, aos movimentos sociais. Com a aparição de ferramentas de rede que possibilitam o espalhamento da auto-imagem dos atores sociais, a sociedade passa a enxergá-los de maneira mais humana e interessada, indo de encontro à marginalização que se fez presente durante décadas nas mídias tradicionais. Cabe, então, aos Movimentos Sociais a tarefa de organizarem-se em busca de conhecimento e práticas comunicacionais que possam auxiliá-los na busca pelo fortalecimento de sua imagem perante a sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FERREIRA N. S. de, As pesquisas denominadas “estado da arte”. In Revista **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 79, Agosto de 2002.
- AQUINO BITTENCOURT M.C., DO RIO DOS SINOS, V. Sobre espalhamento e convergência no âmbito dos movimentos sociais: relações entre mídias de massa e mídias sociais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXVI, 2013, Manaus. **Anais eletrônicos**... Manaus:Ufam, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/busca.htm>. Acesso em: 14 jul. 2014.
- ANDRADE SCROFERNEKER, C. M.; FLORCZAK DE OLIVEIRA, R; BRONSTRUP SILVESTREIN, C. Comunicação e mídias sociais: em busca dos diálogos possíveis. In:

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXVI, 2013, Manaus. **Anais eletrônicos...** Manaus: Ufam, 2013. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/busca.htm>. Acesso em: 14 jul. 2014.

BRANDALISE, R. Conceitos e categorias de análise mobilizadas para estudar a participação da televisão brasileira na articulação de relações sociais e culturais entre povos latino-americanos em contato intercultural. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXVI, 2013, Manaus. **Anais eletrônicos...** Manaus: Ufam, 2013. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/busca.htm>. Acesso em: 14 jul. 2014.

CASSIA DOS REIS, R. de Lutas sociais pela democratização da comunicação e comunicação pública: biografias de dois mundos paralelos e seus pontos de convergências. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXIV, 2011, Pernambuco. **Anais eletrônicos...** Pernambuco: UNICAP, 2011. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/busca.htm?>. Acesso em: 14 jul. 2014.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na Era da Internet**. (trad) Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHAGAS, F da; NUNES DE SOUSA, A. Soltando o verbo: interlocuções entre jornalismo popular-alternativo e movimentações de juventude contemporânea. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXII, 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: PUCRS, 2009. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/busca.htm>. Acesso em: 14 jul. 2014.

COSTA BERTOLLO MENEZES, G. A televisão pública no contexto da cultura participativa: as redes sociais como fios condutores para uma prática mais democrática. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXV, 2012, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: Unifor, 2012. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/busca.htm>. Acesso em: 14 jul. 2014.

COUTINHO, I. Um olhar sobre os estudos acerca da oferta de conhecimento nos noticiários de TV1. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXIV, 2011, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: PE, 2011. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/busca.htm?>. Acesso em: 14 jul. 2014

DEMÉTRIO DE AZEREDO, S. Proposta de comunicação coordenada e midiática do jornalismo. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 10, 2013, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: UnB, 2011. Disponível em:
<http://soac.bce.unb.br/index.php/ENPJor/XIENPJOR?>. Acesso em: 14 jul. 2014.

ENECOS, Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social. **Cartilha do Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação Social**. Belém do Pará, Universidade Federal do Pará, 2011.

ÉPOCA, 2013. Pesquisa revela perfil dos manifestantes brasileiros. Disponível em:
<<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/noticia/2013/06/pesquisa-revela-perfil-dos-manifestantes-brasileiros.html>> Acesso em 14. Jul. 2014

FIGUEIREDO, C. Jornalismo e Movimentos Sociais: Lutas Diversas, Coberturas Diferentes. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXVI, 2013, Manaus. **Anais eletrônicos...** Manaus:Ufam, 2013. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/busca.htm>. Acesso em: 14 jul. 2014.

FOLHA DE SÃO PAULO, 2013. Seção Cotidiano. Perfil dos Manifestantes. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/infograficos/2013/06/18849-perfil-dos-manifestantes.shtml>> Acesso em 14. Jul. 2014.

HENN, R. C. Acontecimento jornalístico e redes sociais: novas semioses no webjornalismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXIV, 2011, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: UNICAP, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/busca.htm?>. Acesso em: 14 jul. 2014.

LIRA, J; ALMEIDA M. Comunicando saberes, construindo identidades: um caminho para mudanças sociais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXIV, 2011, Pernambuco. **Anais eletrônicos...** Pernambuco: UNICAP, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/busca.htm?>. Acesso em: 14 jul. 2014.

MALDONADO GÓMEZ DE LA TOR, A. América latina, cidadania comunicativa e subjetividades em transformação: configurações transformadoras em uma época de passagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXV, 2012, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: Unifor, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/busca.htm>. Acesso em: 14 jul. 2014.

MANCUZO SILVA JUNIOR, R. A.; ZOCCOLARO COSTA MANCUZO, C. Territórios midiáticos em disputa: espacializações no campo da comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXV, 2012, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: Unifor, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/busca.htm>. Acesso em: 14 jul. 2014.

MARADEI, A. Folha de S. Paulo e a cobertura dos protestos do MPL. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXVI, 2013, Manaus. **Anais eletrônicos...** Manaus: Ufam, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/busca.htm>. Acesso em: 14 jul. 2014.

MENDES LOBATO, J. A. A construção da alteridade na TV: estratégias e procedimentos de enunciação do outro no telejornalismo e na ficção. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXVI, 2013, Manaus. **Anais eletrônicos...** Manaus: Ufam, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/busca.htm>. Acesso em: 14 jul. 2014.

PERES DE FIGUEIREDO SOBRINHO, C. Jornalismo e Movimentos Sociais: Comparando a Cobertura de dois Movimentos Diferentes. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 10, 2012, Paraná. **Anais eletrônicos...** Paraná: PUCPR, 2012. Disponível em: <http://soac.bce.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR>. Acesso em: 14 jul. 2014.

PERES DE FIGUEIREDO SOBRINHO, C. Jornalismo e Movimentos Sociais: Lutas Diversas, Coberturas Diferentes. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXVI, 2013, Manaus. **Anais eletrônicos...** Manaus: Ufam, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/busca.htm>. Acesso em: 14 jul. 2014.

REZENDE RIBEIRO, R. A mídia ninja e o espaço da catarse coletiva: política e afeto no tempo das redes. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXVI, 2013, Manaus. **Anais eletrônicos...** Manaus: Ufam, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/busca.htm>. Acesso em: 14 jul. 2014.

SANTOS DA CUNHA, P. dos. Os observatórios de mídia e a ideologia da democratização da comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXII, 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: UP, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/busca.htm>. Acesso em: 14 jul. 2014.

SANTOS FERREIRA COSTA, J dos. Liberdade de expressão e mobilização através de redes sociais na internet. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXV, 2012, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: Unifor, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/busca.htm>. Acesso em: 14 jul. 2014.

VAZ CABRAL FILHO, A. Políticas de Comunicação Comunitária: elementos para um modelo de análise. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXVI, 2013, Manaus. **Anais eletrônicos...** Manaus: Ufam, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/busca.htm>. Acesso em: 14 jul. 2014.

VIDAL NUNES, M. A auto-imagem do mst na “revista sem terra”: a guerra simbólica através da mídia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXII, 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: UP, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/busca.htm>. Acesso em: 14 jul. 2014.